

# OLHAR

João Paulo  
Editor de Cultura - e-mail:  
joaopaulo.cunha@zaz.com.br



## Leitura estática

Na vida como na literatura, é preciso ir devagar  
para não perder o melhor da festa.

Livro de Francine Prose ensina a ler sem pressa, com tempo para curtir cada palavra

Quanto mais rápido, pior. Essa parece ser a lição do movimento Devagar, que vem ganhando adeptos em várias áreas da vida, da alimentação ao sexo, passando pelo pensamento, trabalho e saúde. A agitação contemporânea pode ser traduzida em várias formas de simplificação e perda de substância. Alguns analistas da modernidade chamam esse processo de compressão espaço-temporal. Tudo se torna mais apertado, resumido, contido, espremido. Entre as conseqüências está a perda de profundidade.

Alguns exemplos mostram como, no campo das artes e do pensamento, a rapidez excessiva implicou perdas consideráveis. Os filmes precisam ser velozes, como na linguagem da publicidade, para fazer sentir antes de permitir o pensamento; os autores clássicos foram substituídos por comentadores, chegando ao ponto de se lançar uma coleção de sucesso que se chama *Em 90 minutos*, que promete ensinar Kant, Hegel e Einstein em uma hora e meia; o documentário é substituído pelo registro imediato no Youtube, criando a falsa sensação de contemporaneidade com o que já passou, que anistia o trabalho de dar conta da história presente. Em todos esses casos, o que se perdeu foi a inteligência. Sem tempo de sedimentação, fica tudo fragmentado. Sem o ordenamento cuidadoso e necessário, obra do pensamento e da paciência do conceito.

A própria noção de fragmentação se tornou um valor. É comum, em rodas de estetas e artistas, ouvir a defesa do volátil, acompanhar ataques à pretensão da totalidade, perceber como a noção de vazio se torna um operador importante, ver valorizadas noções como a de indeterminação, descontinuidade, fratura das grandes narrativas e o caso da utopia. Um mundo assim constituído se faz por caminhos duplos (algo que se propõe, contra algo que se descarta), que precisam ser bem compreendidos. Não se trata de nostalgia de valores universais que não se coadunam com a modernidade, mas de entender que o projeto que hoje se entroniza, baseado na força da imagem, no incentivo ao consumo como julgamento de valor e na pauperização da inteligência, se erige sobre os destroços de outro modelo de civilização. Não podemos aceitar que seja tudo destino. Há escolhas nítidas nessa trajetória.

No campo cultural, talvez o melhor exemplo dessa transformação esteja na desvalorização do livro e da literatura. Ler toma tempo, exige entrega, significa abertura ao outro, postula o diálogo. Por tudo isso, a diminuição de leitura que se registra entre as novas gerações precisa ser tratada não como capitulação aos novos tempos, mas com a criatividade de quem acredita que há muito a ser feito e que a história não acabou no shopping center ou no *Big brother*. Não se construirá bom leitor usando-se como ferramentas textos pobres e ruins. No máximo, se criará um padrão de exigência mais rasteiro do que aquele que afastou a primeira geração dos bons livros. Não se preparam admiradores de clássicos com Harry Potter; não se formam leitores críticos da imprensa com base em fofocas e textos banais.

## PALAVRAS E PARÁGRAFOS

Um bom método de valorização da leitura pelo prazer – e pelo trabalho paciente – é apresentado por Francine Prose em seu livro *Para ler como um escritor – Um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los* (Editora Jorge Zahar). A autora defende o chamado *close reading*, expressão que pode ser traduzida como leitura atenta ou leitura densa. Há alguns anos, na velha Fafich da Rua Carangola, o professor Moacyr Laterza, em suas aulas de filosofia, costumava defender algo semelhante, que ele chamava de leitura estática, em oposição à moda da leitura dinâmica. Laterza queria transmitir o prazer da leitura que vai na verticalidade do texto, que mergulha na palavra para buscar inflexões e sentidos não percebidos à primeira vista. A leitura ideal, defendia, é uma forma de poesia. Não interessa ter lido muitos livros, mas ter lido bem os livros que valem muito.

Francine Prose é romancista e professora de redação criativa em universidades norte-americanas. Seu trabalho, por isso, se dirige a duas classes de amantes da literatura: os que querem ler bem e os que querem aprender a escrever tendo como exemplo os grandes autores. Ela não esconde suas preferências, sobretudo Tchekhov e Tolstói, e dá uma lista de autores que acredita **imprescindíveis para qualquer candidato a escritor. Mas o mais interessante de *Para ler como um escritor* são as lições de leitura.** Na contramão da maioria das correntes contemporâneas de análise literária, que se interessam mais pela ideologia que pelo texto, Francine mostra como a leitura atenta torna as pessoas melhores e não necessariamente melhores escritores.

O livro caminha dos elementos iniciais da escrita – palavras e parágrafos – para aspectos estruturais, como a narração e os personagens. Em cada passo, a autora vai demonstrando como temos a ganhar quando tomamos o texto vagarosamente, analisamos a escolha de cada palavra, ficamos atentos ao ritmo das frases, percorremos lentamente a composição dos personagens. Cada escolha tem uma razão na economia do texto. Compreender o tecido da escrita é o caminho para entender melhor sua configuração como um todo. Ser meticuloso ou descuidado pode ser, mais que uma característica do autor, um caminho particular para se chegar à verdade da narrativa. Francine mostra como até mesmo uma palavra aparentemente errada pode dar novo sentido a uma frase, a uma idéia.

Esse método pode fazer com que a leitura de uma página tome algumas horas. Vai depender da frase e do leitor. Há que se considerar, na escolha da linguagem, desde os elementos formais até os detalhes aparentemente

banais. Escritores, ensina Francine, trabalham como pintores e às vezes uma pincelada pode ser o diferencial que nos dará a alma do personagem ou o clima da cena. Há nesse senso do detalhe um certo confronto com correntes e autores que fazem análise literária, sobretudo os que colocam a literatura como epifenômeno de outros campos, como a política, o feminismo, o racismo, a desconstrução e o pós-modernismo.

Francine Prose está preocupada em dar prazer à leitura, buscando nela mesma todas as suas qualidades e de feitos. Em um momento de seu livro, ela ironiza os **professores de literatura que se julgam à altura de criticar** por exemplo, a abertura de *A metamorfose*, de Kafka, dizendo que a passagem em que um homem acorda pensando que é um inseto gigante não os convence...

*Para ler como um escritor* indica um caminho para quem se preocupa com o baixo índice de leitura do mundo atual. Se a banalização tomou conta da cultura não será com a literatura banal que se vai resgatar o gosto pelos livros. A aposta precisa ser naquilo que ele têm de insubstituível (assim como os jornais no campo da informação): a possibilidade de fazer avançar a inteligência e a crítica. De quebra, dando prazer estético e emocionando. Se for para imitar mau cinema e jornalismo rasteiro, por um lado (com seu realismo, naturalismo falsos); ou funcionar como exercício de metalinguagem esnobe (como parte da chamada arte pós-moderna, em seu deleite de citações sobre citações), por outro, o melhor mesmo é leitura dinâmica: **Mais dinâmica que leitura.**

A edição brasileira do livro de Francine Prose traz um belo "posfácio à moda da casa" de Ítalo Moriconi, que faz interessantes exercícios de *close reading* de alguns autores brasileiros, como Graciliano Ramos e Carlos Drummond de Andrade. Ele conclui, com sabedoria: "Ao trabalho, pois, que na esfera das artes trabalhar é sempre também, fonte de grandes e sutis prazeres".

